

CONVERSANDO COM ÉRIC ALLIEZ
SOBRE CIBERPOLÍTICA – DA
INCORPORALIDADE À
BIOPOLÍTICA¹

Tania Mara Galli Fonseca²

TALKING WITH ERIC ALLIEZ ABOUT
CYBERPOLITICS – FROM
UNCORPORALITY TO BIO-POLITICS

RESUMO: Neste texto, base de conversa da autora com Eric Alliez em sua conferência Cyberpolitique, enfoca-se a produção da sinergia coletiva, da cooperação social e subjetiva possíveis de serem produzidas no contexto maquínico de nossa atualidade social.

ABSTRACT: In this text, which is the basis of the conversation between the author and Eric Alliez's conference on Cyberpolitique, the focus is on the production of collective synergy as well as the possible social and subjective cooperation produced in the machinic context of our social contemporaneity.

FONSECA, Tania Mara Galli . Conversando com Éric Alliez sobre Ciberpolítica – da Incorporalidade à Biopolítica. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v.9, n.2, p.74-86, jul./dez. 2006.

Seria preciso iniciar agradecendo o convite da Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS, o qual me foi diretamente formulado pela estimada professora Margarete Axt, coordenadora do PPGIE. Da mesma forma, torna-se importante assinalar, neste contexto de agenciamentos, a presença dedicada da professora Ada Kroef que desempenhou, junto à Profa. Marilú Medeiros, um papel relevante na produção do evento da SMED sobre Educação. É com alegria que me faço aqui presente tendo em vista compartilhar o modo de pensar a que a conferência de nosso convidado prof. Eric Alliez convoca.

Início por saudar e assinalar na tessitura da fala de Alliez a presença de intercessores que nos são caros como é o caso de Deleuze e Guattari, Simondon, Gabriel Tarde, Maurizio Lazzarato, Toni Negri, Giorgio Agamben. Trata-se de um agenciamento cuja multiplicidade compõe uma ecologia cognitiva que nos possibilita experimentar a necessidade de *pensar com*, mais do que pensar sobre isto ou aquilo. Nesta fala, convivemos com uma pequena multidão que auxilia a esculpir as idéias convenientes ao caso problematizado, não se escutando, aqui, lamúrias ou profecias sobre o fim do sujeito ou da história e tampouco transcendências em relação aos possíveis devires. Somos levados, pela mão de Alliez, a uma operação do pensamento que possibilita captar o jogo de forças em jogo e faz do próprio pensamento uma força constituinte da utopia imanente. A paisagem que então se produz ressoa por todos os seus cantos, a ética do acontecimento, da singularidade e da afirmação. Aqui, cabe à problematização fazer saltar as transcendências e expulsar anseios de totalização, pois, parece-nos não restarem outros critérios senão os imanentes a uma vida que se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria. Não haveria nunca outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida³. Ainda

cabe-nos assinalar o modo como a fala de Alliez leva-nos a acreditar no que pode um plano conceitual quando operado com ferramentas de corte. Faz-nos reconhecer que a função própria dos conceitos sempre é política, uma vez que consiste em participar da imensa tarefa de liberação da imanência de todos os limites que o capital lhe impõe. Nesta perspectiva, a cognição e a produção de conhecimento revestem-se de potências transformadoras, investindo na produção do próprio meio em que se inscrevem. O saber adquire a função de cortar as densas camadas e estratos da realidade; cortar para produzir fissuras na clausura em que se encontra formatado e modelizado um modo de viver que tende a enfraquecer a vida ao invés de expandi-la. Cortar, para depois recompor. Eis aí, um assinalamento para a posição ética do intelectual nos dias atuais e para a sua convocação ao empreendimento construtivista que se encontra em curso, na contramão das dominâncias. Aqui, os termos se propõem como luta, como combate de guerrilha cujo ardor se reanima ao tomar a realidade do presente sempre como parcial, como subtração em relação às potencialidades do real que a engendrou. Vivemos estados do real em movimento e o que vivemos não pode ser tomado a partir do que parece ser, mas a partir do que está se tornando. Como máscara, ou para usar um termo de Simondon⁴, como individuação, o plano empírico estaria em incessante devir, sendo agido pelas forças do fora que o impelem a novas configurações e estados. O devir é considerado o cerne da processualidade e nos possibilita crer que não somente o que somos, mas tudo o que temos sido - como indivíduos, - espécie e mundo -, compõe nosso presente como potência virtual, como tendência e não como determinação, daquilo que viremos a ser. Aqui, fazer a história implica combater na imanência do presente, escová-lo a contrapelo, desalinhando suas linhas e traçado, dando a ver não apenas as marcas de seus traços aparentes,

mas buscando adentrá-las, dilatá-las de sua contração, tal como se penetra em uma fenda na porcelana para espreitar o que age nela e a dilata e expande como força ativa. Operação de alisamento das estrias, para dar a ver o caminho das forças, as linhas que se produzem e as direções que apontam. Abrir o corpo do mundo, alisá-lo para recombinar pontos, traçar novos mapas, cartografar potências de devires à espreita de agenciamento para a invenção de outros possíveis. Novos traçados no diagrama das forças, convocação de um povo ativado em seu poder constituinte, multidão-artesã de novos planos, artesã do corpo-sem-órgãos⁵ do mundo.

Aqui, como escutamos, pensamento e vida não se dissociam e as conseqüências do pensar não são da ordem do previsível e da programação: somos impelidos a dar as mãos ao tempo ao invés de voltar-lhe as costas, fazemos nossos operadores enquanto suportamos o informe, o descabido, o transbordamento das formas a que o processo pode nos levar. A noção de vida agora deixa de ser definida apenas a partir de processos biológicos: inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto da produção material e imaterial contemporânea. Nos termos de Maurizio Lazzarato⁶, a vida deixa de ser reduzida à sua definição biológica para tornar-se cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão e, assim, seu conceito ganha uma amplitude inesperada e ela passa a ser definida como poder de afetar e ser afetado, na mais pura tradição espinosiana⁷.

Sabemos que estamos embrulhados em uma tarefa vital cuja duração nos ultrapassa. Sabemos que é nessa tarefa, entretanto, que nos enlaçamos ao rizoma de cérebros - presentes, passados e futuros-, fazendo da força do pensamento uma força do Cosmos. Não desejamos marcar nossa existência nem pelo luto e ressentimento em relação ao passado nem pela

complacência em relação ao nosso presente. Buscamos resistir ao intolerável, resistir à servidão, resistir ao presente, longe de qualquer humanismo, praticar mesmo um anti-humanismo como produção que concilia *amor fati* e construtivismo. Aqui, não se trata de nos colocarmos como corpos cansados pelo trabalho feito e o ainda por fazer; não se trata de se situar em um ponto em que pensamos ter esgotado a realização e que já nada pode ser realizado. O ponto crítico em que nos encontramos, nos impele a deslizar por disjunções inclusivas, a formular práticas próprias de uma estética do esgotamento⁸, em que nosso pensamento se conecta à matéria-força que habita as formas, estas concebidas não como formas simples, mas como compostos híbridos de elementos moleculares, eles próprios também compostos até o infinitesimal. As formas, nesta abordagem, não constituem totalidades acabadas. Elas encerram composições elementares infinitesimais, em estado turbilhonar, e correspondem a estados sucessivos de integração das diferenças infinitesimais que as animam. Para Gabriel Tarde⁹, os verdadeiros agentes seriam esses pequenos seres que dizemos serem infinitesimais e as verdadeiras ações seriam essas pequenas variações que dizemos ser infinitesimais. Pulverizar o universo e multiplicar indefinidamente os agentes infinitesimais do mundo, implicaria em passar a operar no plano das singularidades e das multiplicidades e partir da idéia de que o real envolve um excesso de potência sobre o ato, ou seja, que ele carrega sempre consigo um conjunto de possíveis que lhe é imanente, embora não se confunda com ele. Encarar cada coisa como uma sociedade de partículas, cujas relações tornaram possível a sua identidade, sendo esta apenas uma possibilidade de sua atualidade.

Aqui, trata-se de saber que a própria diferença difere e que existir é diferir. Trata-se, ain-

da, de convocar a desorganização do corpo orgânico, pois como nos diria Kafka, “vivemos em um mundo transtornado. Tudo racha e estala como no equipamento de um veleiro destrozado”. Tratemos, pois, de considerar, que cada coisa é, como nos mostrou Tarde, uma sociedade de partículas, sendo sua atual identidade, apenas a máscara através da qual se efetuou a relação de partículas. Máscara passageira, marcada pela incessante finitude dos processos de individuação e que nos leva a considerar a diversidade como efeito de uma ontogênese marcada pela ambição de infinito.

Eis a ação de reencantamento do concreto. Precisamos acreditar no mundo, pois a invenção não é prerrogativa de gênios e tampouco da indústria e das ciências. Ela é prerrogativa do homem comum. Todo e qualquer um detém a força-invenção e cada cérebro-corpo é fonte de valor. O que vem à tona, é a biopotência do coletivo, a riqueza biopolítica da multidão. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada, como nos mostra Lazzarato, pode, ensejar outras invenções, novas associações e novas formas de cooperação.

Aqui, a subjetivação se torna potência psíquica e política e suas forças passam a ser consideradas como um capital ensejando uma comunalidade de autovalorização. Em vez de se tornarem simples objetos de vampirização por parte do Capital, tais forças se mostram como potências de resistência. Do poder sobre a vida ao poder da vida, na medida em que ela faz variar suas formas e reinventa suas coordenadas de enunciação. Aqui, a sociedade é vista como multidão, sendo plural, centrífuga e refratária à unidade política. Multidão¹⁰ que ultrapassa, portanto, a noção pejorativa de um agregado disforme que cabe ao governante domar. Aqui, a multidão inclina-se a formas de democracia não-representativa e acredita-se que te-

nha a paixão, a inventividade e a vitalidade de contrapor-se à redução da vida à sua dimensão biopolítica de vida nua¹¹.

Tratamos, aqui, de um pensamento que invoca um vitalismo. Pensamento que recobre a fala do professor Alliez e que pode ser definido pela atribuição de um estatuto ontológico à crença e ao desejo, potências que seriam imanentes à Vida, o que nos permitiria situar nossa consideração para além dos estados mentais e afetivos dos sujeitos. Precisamos ultrapassar o Eu. Ultrapassar-nos em direção a um plano povoado de singularidades nômades, de vitalidade impessoal para fazer acontecer o impensável de nós. Ativar a potência de vida que nos habita, ativar o coletivo de nossas redes e associações, revelando uma base ontológica que reside nas práticas criativas da multidão. Constituir o que Toni Negri chama de poder constituinte¹².

O espaço biopolítico se torna, neste contexto, mais interessante do que o político, na medida em que ele é o caldo em que se misturam o político, o social, o econômico, o afetivo: é ele que reúne o ponto de vista do desejo, da produção concreta, da coletividade humana em ação.

É neste ponto, prezado professor Alliez e lembrando o papel crucial que as tecnologias desempenham no lançamento das bases da governabilidade embora seus resultados não possam ser considerados como *a priori*, que lhe devolvo a palavra, colocando-lhe duas questões:

Uma, alinhada ao fluxo da presente Conferência: como a produção de cérebros e de corpos de muitos pode construir um sentido e uma direção comuns, num momento em que as forças do liberalismo e a onda de individualismo impregnam os modos de ser e estar em sociedade?

Outra, a título deirmos a conhecer suas

mais recentes produções no campo da filosofia e da arte, como nos mostra seu *curriculum* e últimas publicações. Também acreditamos que na obra de arte há uma crença que assegura o laço do homem com o mundo. É Deleuze que nos lembra que só a crença no mundo pode unir o homem ao que vê e escuta e que na obra de arte há uma fé que devolve o mundo. A arte operaria

como uma perfuradora do real que nos possibilitaria crer novamente no mundo. Como poderíamos problematizar as relações Filosofia, Ciência e Arte no contexto da produção do poder constituinte da multidão?

Agradeço, neste momento final, sua atenção e aos demais aqui presentes. Muito obrigada.

Recebido em dezembro de 2006

Aceito para publicação em dezembro de 2007

¹ Debate proferido na Conferência “Ciberpolítica- da Incorporalidade à Biopolítica”, promovida pela PROPESQ da UFRGS em parceria com a SMED como atividade complementar do evento “Conversações Internacionais: paisagem da educação” (www.prefpoa.com.br/smed). A conferência e o debate foram realizados no dia 26 de novembro de 2006, no auditório da Faculdade de Direito/ UFRGS.

² Psicóloga, Professora dos Programas de Pós-graduação em Informática Educativa e Psicologia Social e Institucional/ UFRGS

³ Apud. Pelbart, A utopia Imanente. Revista Cult – n. 108. nov. 2006. p.54-57

⁴ Gilbert Simondon. L'Individu et as genèse physico-biologique. Paris: PUF, 1964.

⁵ Gilles Deleuze e Félix Guattari. Como Criar para si um corpo sem órgãos. In: Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. V.3. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1996. Maurizio Lazzarato e Antonio Negri. Trabalho Imaterial. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

⁶ Maurizio Lazzarato. Les révolutions du capitalisme. Paris: Les empêcheurs du rond./Le Seuil. 2004.

⁷ Pelbart. Vida Capital. Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

⁸ Gilles Deleuze. El agotado. In: Confines. La Marca: Buenos Aires: n..3. set.1996, pgs.99-104

⁹ Gabriel Tarde. Monodologia e sociologia. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. Tiago Themudo. Gabriel Tarde. Sociologia e Subjetividade. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. .

¹⁰ Michel Hardt e Antonio Negri. Guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro e São Paulo: Ed. Record, 2005.

¹¹ Giorgio Agamben. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

¹² Antonio Negri. O Poder Constituinte. Ensaio sobre as alternativas da modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.